

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Juliano Camargo da Silva Felix

## **O DESPERTAR DOCENTE**

Experiência e afeto na construção de um professor de Teatro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em  
Teatro.

Orientação: Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos

Porto Alegre, abril de 2023.

### CIP - Catalogação na Publicação

Felix, Juliano Camargo da Silva  
O DESPERTAR DOCENTE - Experiência e afeto na  
construção de um professor de Teatro / Juliano Camargo  
da Silva Felix. -- 2023.  
49 f.  
Orientadora: Vera Lúcia Bertoni dos Santos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS,  
2023.

1. Teatro. 2. Educação. 3. Afeto. 4. Identidade. 5.  
Formação Docente. I. Santos, Vera Lúcia Bertoni dos,  
orient. II. Título.

## **Agradecimentos:**

Agradeço imensamente à minha família que me apoiou do começo ao fim desse processo, especialmente à primeira pessoa que literalmente deu pulos de alegria quando soube do meu ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, minha mãe, Lídia Rosaura da Silva Camargo, que além de me gestar, me criar, me educar e me proteger com muito carinho, também me dá força e suporte para alcançar todos os meus sonhos e objetivos, sem ela eu não estaria aqui.

Impossível fazer tal trabalho sem agradecer, infinitamente, à minha orientadora, Vera Lúcia Bertoni dos Santos que, entendendo minha situação, foi sensível, paciência e não poupou nenhum esforço para me auxiliar nessa jornada, me ajudou, me aconselhou, me abrigou e me direcionou para os melhores caminhos da escrita, dando vida a essa composição textual. Obrigado não é o bastante, porém, obrigado!

Agradeço ao Grupo Teatral Leva Eu, em especial aos colegas e amigos, Igor Ramos e Juliana Johann por me escolher, me acolher, confiar em mim e no meu trabalho e me proporcionar as diversas experiências de trabalho no meio artístico e educacional.

Agradeço a todos os professores por quem passei durante toda minha trajetória de vida, especialmente aos que serviram (e servem) como inspiração para mim, em especial aos professores do Departamento de Arte Dramática que de alguma maneira estiveram presente nessa jornada.

Agradeço também ao Alexander Candido de Britto, amigo, parceiro, colega que me ajudou em momentos tão difíceis de decisões e caminhos metodológicos.

Agradeço ao William Fernandes Molina que me ajudou a capturar as palavras certas por entre os dedos que se balançavam no ar, que me auxiliou nas crises, que não economizou nenhum tipo de ajuda pra que esse momento se consolidasse, que acreditou em mim e sempre me motivou a sonhar. Sonhar junto é mágico. Obrigadoch.

Por fim, direciono também agradecimentos a todos os amigos e colegas que apostaram, incentivaram, ajudaram de alguma forma para que esse momento se concretizasse.

## **Resumo**

O trabalho reflete sobre a construção da identidade docente do autor, a partir da narrativa de duas experiências marcantes e decisórias da sua trajetória na arte e na educação: uma como ator do Grupo de Teatro Leva Eu, da cidade de Viamão/RS; e outra como professor da Oficina de Extensão de Teatro, no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS/Campus Viamão. Movido pelo desejo de compreender a sua própria construção como professor de teatro, o autor vasculha memórias da sua infância e juventude e rememora vivências do seu passado remoto e recente, criando uma linha – não necessariamente cronológica – de memórias, que lhe permite revisitar experiências da sua formação pessoal, artística e docente. O diálogo com teóricos do campo das artes da cena e da educação possibilita-lhe uma visão atualizada e crítica das diferentes vivências relacionadas à construção da sua identidade docente, apontando, dentre outros aspectos, uma pedagogia singular, cujo processo de conscientização se faz no decorrer da sua formação acadêmica e na medida das relações entre a prática e a reflexão.

## **Palavras-chave**

Teatro. Educação. Afeto. Identidade. Formação Docente.

## **Abstract**

The work reflects on the construction of the author's teaching identity, based on the narrative of two remarkable and decisive experiences of his trajectory in art and education: one as an actor in the Leva Eu Theater Group, in the city of Viamão/RS; and another as a professor at the Theater Extension Workshop at the Federal Institute of Rio Grande do Sul – IFRS/Campus Viamão. Moved by the desire to understand his own construction as a theater teacher, the author searches through memories of his childhood and youth and recalls experiences from his remote and recent past, creating a line – not necessarily chronological – of memories, which allows him to revisit experiences from their personal, artistic and teaching formation. Dialogue with theorists in the field of performing arts and education provides an updated and critical view of the different experiences related to the construction of their teaching identity, pointing out, among other aspects, a unique pedagogy, whose awareness process is carried out in the course of their academic training and the extent of the relationship between practice and reflection.

## **Keywords**

Theater. Education. Affection. Identity. Teacher Training.

## SUMÁRIO

<b>Relembrando caminhos para determinar os passos.....</b>	<b>07</b>
<b>1. Conhecendo as possibilidades do teatro.....</b>	<b>17</b>
<b>2. O Grupo Teatral Leva Eu.....</b>	<b>22</b>
<b>3. Docência Inventada – construindo a sala de aula de Teatro.....</b>	<b>33</b>
<b>Tijolos móveis.....</b>	<b>44</b>
<b>Referências.....</b>	<b>48</b>

## Relembrando caminhos para determinar os passos

Reativar memórias, pra mim, é sempre um momento de dúvidas, reflexões e questionamentos, “foi assim mesmo que aconteceu?”, “mas em que ano isso aconteceu?”, “era dia ou noite?” Essas são só algumas das diversas perguntas que chegam a mim quando começo a praticar esse exercício de lembrar, o que é comum, mas trago aqui para deixar em evidência que essas reflexões e incertezas fizeram parte dessa escrita.

Depois de muito tempo sem saber por onde começar e escrevendo dois ou três inícios diferentes, me pego escrevendo justamente sobre esse “não saber por onde começar”. Queria evitar o “tempos atrás”, e também o “era uma vez...” ou algo similar, mas parece que, independentemente da forma que eu decidir expressar, estarei me referindo ao passado, a um possível começo, aos primeiros passos. O tempo parece ser o senhor da vida e me força a tratar o assunto cronologicamente. Farei o possível para subvertê-lo, mas não garanto que conseguirei.

Desde muito pequeno fui criado majoritariamente pela minha mãe, Lídia Camargo, uma ótima trançista<sup>1</sup> desde que me conheço por gente, sendo essa uma das principais fontes de renda para nossa sobrevivência. Contou muito com a ajuda da sua mãe (minha avó) para a minha criação.

Lembro de ficar alguns dias e noites na casa da minha avó para que minha mãe pudesse trabalhar, casa essa regada a comidas, jogos e música, muita música. Minha avó adorava escutar rádio, sempre havia o som do rádio tocando em alguma estação, me lembro muito dos jargões da *Continental* e também da *Antena 1*, e claro, onde tocavam as músicas mais animadas era na *Cidade*. Essas rádios existem ainda hoje e, de vez em quando, minha mãe ainda escuta, e se parece muitíssimo com minha avó nesse sentido: adora colocar a música pra tocar enquanto executa os afazeres de casa, e às vezes canta e dança junto.

---

<sup>1</sup> Profissional que trabalha na feitura de tranças de diversas formas e estilos, geralmente em cabelos ditos “afro” (assim chamado o cabelo crespo). A profissão é exercida, usualmente, por mulheres negras, e a busca pelo serviço também se apresenta em maioria de clientes negros, muito provavelmente por possuir ligação histórica com povos negros antepassados e nossa ancestralidade. As tranças ditas “tranças de raiz” (também conhecidas por tranças Nagô) eram utilizadas, no período escravocrata, para mapear rotas de fuga para os quilombolas escravizados, por isso carregam hoje um símbolo de força e resistência.



Então chegamos em um dos pontos importantes, a dança. É estranho dizer que esse ponto é importante mas não ter a certeza da memória da primeira vez que percebi que meu corpo podia dançar. Acho que isso acontece porque a gente realmente dança muito antes de armazenar as memórias. É quase involuntário, quase que “apenas” uma resposta a um determinado estímulo, seja ele interno ou externo. Resumindo esdruxulamente: feitura de certos movimentos para determinadas sonoridades; e ainda que não exista uma marco historicamente determinado do começo da dança no meu corpo, existem diversos momentos da vida que confirmam a importância que essa arte tem na minha formação, e aqui me refiro aos âmbitos mais amplos de formação, passando pela formação social, cultural e até mesmo minha formação docente nos dias atuais.

**Foto 1** – Dançando na sala da casa da Vó.



Fonte: Acervo pessoal.

Mas voltemos ao som do rádio a tocar na sala da casa da minha vó, localizada no bairro Morro da Cruz na cidade de Porto Alegre, de onde podíamos enxergar boa parte da cidade, por ser um local de grande altitude. Durante a noite, o céu parecia cair sobre a casa, e a onda de luzes acesas ou piscantes que pairava no horizonte dava uma visão de

infinidade que fazia a cidade parecer gigantesca, e eu, ainda menor. Às vezes eu me pendurava nas grades do portão para enxergar melhor a imensidão que existia lá pra baixo, imaginando até onde eu poderia ir, enfim. Na sala dessa casa, eu aumentava o volume do rádio e dançava por horas, dançava e cantava as músicas que ali tocavam, muitas delas minha avó sabia cantar e às vezes até dançava, então fui sendo influenciado por esse gosto pela música e pela dança. Lembro que quando uma de minhas primas estava junto, nós dançávamos mais ainda. Ela dançava comigo, eu dançava com ela. Tentava imitar os passos que ela fazia, mesmo que não executando identicamente, eu me divertia muitíssimo.

Para me auxiliar na memória, tenho também registros fotográficos dessa época comprovando toda felicidade que o movimento me proporcionou. Tenho também fitas, não as VHS, mas aquelas fitas de áudio, as fitas cassete, com músicas que eu gravava direto do rádio. Lembro que minha mãe às vezes ficava brava comigo, pois eu apagava alguma música que era dela gravando outras por cima.

Pois bem, dando um salto temporal, para o que poderia ser entre a 3ª ou a 4ª séries do Ensino Fundamental, quando, por pouco tempo, frequentei uma escola particular, na qual eram oferecidas atividades extraclasse, dentre elas, a dança, na qual acabei me encontrando. Não eram aulas de um estilo de dança específico, mas era notável a influência do *ballet* clássico na professora que ministrava. E quando me refiro à influência da professora em algum estilo de dança específico, é baseado em minhas experiências atuais com a dança, pois naquele momento no passado eu não possuía tal conhecimento.

Creio que um pouco antes dessa experiência da dança na escola, minha mãe, notando a minha vontade de dançar, e querendo investir na minha formação, me matriculou na Escola Vera Bublitz<sup>2</sup>, escola de dança muito renomada, frequentada por crianças da elite da cidade de Porto Alegre. A minha matrícula na escola, cujo valor era pouco acessível à nossa realidade financeira, foi oportunizada por um desconto oferecido à minha mãe, que me possibilitou cursar aulas de *ballet* por um curto período de tempo, do qual conservo poucas memórias. Não tenho lembrança de posturas ou passos aprendidos, ou do nome ou fisionomia da professora, e sequer lembro de colegas que compunham a turma, o que me leva a refletir sobre a falta do sentimento de

---

<sup>2</sup> A Escola de Ballet Vera Bublitz, criada em 1964, por Vera Bublitz, na cidade de Cruz Alta – RS, transferiu-se em 1979 para a capital gaúcha, Porto Alegre, tornando-se referência nacional na área da dança clássica. Há 32 anos, atua em sedes próprias, devidamente estruturadas para atender as necessidades do ensino da dança. Disponível em: <http://www.balletverabublitz.com.br/>.

pertencimento àquele lugar. E que considero essa falta de pares, sejam meninos, ou outras crianças negras, com que eu me identificasse, possa ter repellido, inconscientemente, a experiência como um todo. No final das contas, a única coisa que consigo me lembrar é de uma grande escadaria circular que eu subia para chegar à sala de aula. Talvez a escada nem fosse tão grande, pois quando somos pequenos e crescemos a percepção de tamanho das coisas se modifica, mas minha lembrança insiste em mostrar uma escadaria enorme, de mármore branco, gelado, e distante da minha realidade.

O fator mais agravante da minha desistência das aulas de *ballet* foi uma intervenção um tanto machista do lado paterno que me fez não querer continuar com as aulas. A ideia do meu pai de que a dança poderia afetar a minha personalidade – especificamente a minha orientação sexual – gerou algumas discussões que preferi evitar naquele momento. Porém, mesmo não seguindo com as aulas, a dança não ficou tão distante de mim. Era uma época em que grupos de música pop brasileira estavam em ascensão e, concomitantemente a isso, era um período em que eu estudava em um turno e tinha outro turno livre. Esse turno livre servia para brincar com as crianças que moravam na mesma rua que eu.

**Foto 2** – Dançando do lado de dentro do portão.



Fonte: Acervo pessoal.

**Foto 3 – Coreografia entre as grades.**



Fonte: Acervo pessoal.

Eis que no meio das brincadeiras eu dou a ideia de brincar de dançar, eu ia correndo pra dentro de casa, colocava alguma música no volume máximo da televisão para que lá na rua pudéssemos escutar e dançar. Conforme eu ia fazendo algum movimento eles tinham que ir imitando, e assim “brincávamos de dançar” em uma perspectiva de “siga o mestre”. Eu pelo lado de dentro do portão da minha casa e meus amigos pelo lado de fora. Nesse momento eu já morava na cidade de Viamão <sup>3</sup>– considerada na época cidade-dormitório<sup>4</sup> – e minha mãe passava boa parte do tempo trabalhando fora, geralmente em Porto Alegre, e não me deixava sair, então essa era uma forma de brincar, pelo portão. Quando minha mãe estava em casa e meus amigos podiam entrar lá, “evoluímos” a brincadeira para dançar com formações, eu organizava cada um

---

<sup>3</sup> Município brasileiro da região metropolitana da capital (Porto Alegre) do Rio Grande do Sul, fundado no ano de 1741, com população aproximada de 257 mil habitantes, o maior município em extensão territorial da região metropolitana de Porto Alegre.

<sup>4</sup> “No Brasil, o termo cidade-dormitório costuma ser utilizado com uma carga pejorativa para os municípios que apresentam baixo nível de desenvolvimento econômico e social, precárias condições de assentamento e de vida para sua população e nítida dependência econômica de um polo regional.” (OJIMA. et al., 2010). Hoje além de existirem termos atualizados, a cidade também possui status mais elevado de desenvolvimento.

de um jeito, dizendo coisas do tipo: “daí tu faz esse movimento, e depois tu faz esse e eu faço assim” totalmente baseado em danças que eu assistia na televisão, em clipes, Dvds de *shows*, dentre outras formas midiáticas da época que eu utilizava como referência.

Conforme o tempo vai passando, nossa relação com as mídias vai se modificando, ao passo que as tecnologias influenciam diretamente nessa relação. Enquanto no período em que passei pela escolarização fui influenciado por rádio, disco de vinil, televisão, fitas cassetes, Mp3, Mp4, VHS, e DVD's, hoje, vinte anos depois, muitas dessas mídias se tornaram inutilizáveis, ou suas funções foram transferidas para outros dispositivos, eventualmente mais caros, logo, menos acessíveis, agravando a desigualdade de acessibilidade de informação e conhecimento. Ainda assim podemos encontrar novas mídias se incorporando no processo educacional, em função do trabalho de profissionais da educação que se mantêm atualizados e motivados a utilizar essas ferramentas a seu favor.

A pesquisadora Marlene Oliveira (2019), no artigo intitulado *Relação: mídias com ensino aprendizagem*, considera

[...] de fundamental importância oportunizar e valorizar os educadores que vem solicitando novas maneiras de se construir o conhecimento a partir do crescente acesso as diversas mídias. Pois acreditamos que a criatividade e as contribuições das mídias tecnológicas nas praticas docentes geram uma nova metodologia sendo aliada e correspondida a sociedade globalizada (OLIVEIRA, 2019, n/p).

Retorno à imagem do portão e fico refletindo: “mal sabia eu que estava coreografando e construindo composições com meus amigos em forma de brincadeira”. Por vezes alguns deles não entendiam como era determinado movimento, e eu tentava explicar, repetindo várias vezes para que eles entendessem, ou fazendo uma analogia com alguma outra ação: “é como se a gente tivesse limpando uma janela”, explicava eu. E, na maioria das vezes, funcionava.

Em seguida me aproximei dos esportes, especificamente do vôlei. Na escola onde cursei praticamente todo o Ensino Fundamental e Médio havia estímulo à formação de times de futebol e de vôlei que jogavam os campeonatos municipais e estaduais. Comecei jogando somente nas aulas da disciplina de Educação Física e, aos poucos, fui aprendendo mais, até ser convidado para participar do time de vôlei da escola. Foram (e são) longos anos de paixão pelo vôlei: a dinâmica do esporte, o trabalho em equipe, a sintonia necessária entre os colegas, a agilidade, a prontidão do corpo para atacar e defender, entre outros aspectos que me fascinam nesse esporte, que considero um marco na minha

ligação com o corpo em atividade. Creio que essa vontade e predisposição para um esporte me facilitaram as vias artísticas, estreitam de alguma forma esse caminho.

Foi então, no 1º ou 2º ano do Ensino Médio que tive meu primeiro contato com o teatro, ou, pelo menos, com o que eu imaginava ser teatro. Estava para acontecer uma feira literária na escola, da qual todos deveriam fazer parte de alguma forma, com trabalhos relacionados à linguagem, apresentados em cartazes (forma de como os trabalhos geralmente eram expostos na escola) e outros meios a serem avaliados. Num *insight*, perguntei à professora se poderia “apresentar um teatro”, e ela aceitou. A maioria dos colegas achou estranho e engraçado, algo muito inusitado, pois a escola nunca havia tido contato com teatro. Juntei quatro colegas/amigos mais próximos a mim e consegui convencê-los de montar uma peça. O que eu possuía de referência sobre autores de teatro naquela época se resumia a William Shakespeare, mas queria fugir de Romeu e Julieta, por ser uma história que todo mundo conhecia, ou seja, queria fazer algo novo, uma história que seria nova pra quem fosse assistir, então decidimos por encenar Hamlet, que ainda que seja um clássico, naquela época, naquela escola, com o nível de acessibilidade e conhecimento que tínhamos sobre o teatro, seria uma grande novidade.

O processo de montagem e apresentação da peça foi muito divertido e satisfatório. Lembro de pegar um exemplar da peça na biblioteca da escola e ler junto com o grupo na casa da minha mãe, que nos incentivava levando biscoitos e café. Até onde eu lembro, ninguém de nós tinha tido qualquer experiência mais formal de teatro, então, fizemos como achávamos que deveria ser, decorando textos, pensando em possíveis figurinos e materiais de cena, agendando encontros para ensaios, coreografando lutas, definindo marcações, etc.

Em resumo, no dia da apresentação na feira literária da escola tivemos uma sala só para o nosso grupo apresentar “o teatro”. Com roupas muito próximas do comum, só adicionando alguns adornos para fazer de coroa ou capa, encenamos uma batalha com espadas de ferro de verdade, feitas pelo avô de um dos colegas do grupo que trabalhava com esse material. Foi um dia em que me senti importantíssimo na escola. A sala de aula tinha se transformado em teatro, os colegas entravam, sentavam nas cadeiras virados de frente para o quadro e assistiam a nossa encenação. Ali nós dávamos vida ao conceito de teatro pela primeira vez. Inventávamos o teatro.

Analisando hoje todo o percurso e entendendo a grandiosidade que aquele acontecimento teve para mim no período da escolarização, acredito que são essas ações de inclusão efetiva das artes que fazem a diferença positivamente na escola.

O pesquisador Sérgio Farias (2008) reflete sobre o importante papel da escola pública na formação qualificada das camadas populares:

Ainda é na escola pública que a população menos contemplada com os bens econômicos, materiais e culturais pode encontrar referências significativas. Isso não exclui a necessidade de sempre se buscar seu aperfeiçoamento organizacional e curricular. A inclusão da arte é sem dúvida um dos fatores importantes para esse aperfeiçoamento (FARIAS, 2008, p. 23).

Ainda que eu tenha tido uma infância e adolescência muito ativas fisicamente, no momento de decidir o campo profissional para o qual eu me direcionaria, não imaginei a possibilidade de ser bailarino, artista, tampouco ser um Professor-Artista, – e aqui cabe considerar o acesso à informação e ao entendimento das oportunidades quando o estudo ocorre em uma escola estadual pública com poucos recursos. Então, no final do Ensino Médio comecei a vislumbrar a possibilidade do curso de Psicologia. Essa vontade surge por, durante a infância e juventude, ter tido contato com psicólogos em momentos bem específicos da vida, fazendo com que eu entendesse brevemente a forma de trabalho. O fato de trabalhar com atendimento ao público desde os 15 (quinze) anos de idade em estágios, atrelado ao interesse na compreensão dos processos conscientes e inconscientes, foi determinante na decisão de cursar Psicologia. Naquela época, minha mãe tinha uma cliente que trabalhava em uma universidade privada, que me conseguiu uma bolsa de ensino integral, justificada pela nota do Enem que eu havia feito no último ano do Ensino Médio (2010). O problema é que essa bolsa era de apenas um ano, e após esse período eu teria que arcar com as despesas da faculdade, cujos valores extrapolavam o nosso orçamento familiar, o que me impediu de dar continuidade aos estudos, culminando na minha saída forçada do curso.

Pensei em tentar uma vaga no Curso de Psicologia da UFRGS, na época o segundo curso mais concorrido, depois da Medicina. Eu sabia que não seria fácil, mesmo assim tentei. Comecei a fazer curso pré-vestibular, mas com o trabalho ficava difícil ter um bom aproveitamento, e acabei não conseguindo. Então decidi procurar uma maneira de ingressar na Universidade independentemente do curso. Na época, eu acreditava que o importante era ingressar, e que, uma vez vinculado ao sistema, eu poderia trocar de curso,

caso eu não gostasse, o que me levou a buscar o curso da UFRGS com nota de corte mais baixa e, pra minha felicidade, resolvi percorrer a listagem de baixo pra cima, o que me possibilitou encontrar, logo após o Curso de Zootecnia, o Curso de Teatro. Eu acreditava que passaria um bom tempo analisando diversos cursos, porém, em um rompante os olhos brilharam e era como se ali surgisse um nenúfar instantâneo<sup>5</sup>. Interessei-me ali pelo teatro, baseado na ideia coletiva que eu havia criado com colegas, sem ter a noção de que o teatro poderia ser (e é) muito mais do que eu imaginava.

Ao abrir a grade curricular do Curso de Teatro para entender melhor como seria o curso, encontrei a disciplina de Corpo e Voz, e logo pensei: “uma disciplina que vai falar sobre corpo? Muito interessante!”. Encantei-me principalmente com a descrição do quadro das disciplinas práticas de Corpo e Voz e Atuação, que eram instigantes e me despertavam curiosidade. Eu “aguentaria” um semestre tranquilamente, pra depois trocar de curso. Foi o que eu imaginei que aconteceria. Poucos meses depois de entrar foi que descobri que eu não queria mais trocar de curso de jeito nenhum. “Um lugar onde eu posso utilizar o corpo para criar” – foi o que eu pensei. E errado não estava. Encontrei muitas pessoas que também já tinham experiência com a dança, teatro e outras artes, o que me fez me sentir pertencente àquele lugar, além das possibilidades de aprender muito mais sobre as artes com os professores e colegas. Conheci um outro mundo que eu nem imaginava existir.

Meu ingresso na UFRGS acabou se dando em 2015, no Curso de Bacharelado em Interpretação Teatral, ainda que, no início, eu não soubesse muito bem a diferença entre as ênfases do Bacharelado, ou mesmo da Licenciatura em Teatro. O fato é que uma série de acontecimentos acabou me desviando, ou talvez alinhando, para um caminho que eu não pensava trilhar.

Com essa breve introdução em formato de memorial busco trazer as informações estruturantes sobre mim e minha trajetória nas artes da cena, para no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso identificar pontes, intersecções e diferenças entre a dança e o teatro na minha formação artística e docente.

No primeiro capítulo abordo as primeiras experiências como estudante do Curso de Bacharelado em Teatro UFRGS, que me levaram a visualizar as possibilidades de

---

<sup>5</sup> Nenúfar instantâneo se refere a uma flor japonesa que surge de uma bolinha de papel que encanta o olhar das crianças que ficam maravilhadas com aquele ato que ocorre diante dos próprios olhos. Descrito na introdução do trabalho de Dissertação da colega Mônica Bonatto. (BONATTO, Monica. JUNTOUDEUNISSO – Percursos entre arte contemporânea e processos de criação cênica na escola, p. 10, 2009).



trabalho com o teatro, relacionadas especialmente à corporeidade, à dança e à vivência no coletivo.

No capítulo dois enfoco o trabalho do *Grupo Teatral Leva Eu*, levando em conta a sua formação, o seu trabalho e sua relevância na cidade de Viamão/RS e na minha própria trajetória como artista. Reflito sobre a minha interação com os seus integrantes, que me possibilitou a minha primeira experiência como professor de Teatro, vivenciada ainda no Curso de Bacharelado, e que motivou o meu interesse pela licenciatura.

No terceiro capítulo reflito sobre a experiência docente no Instituto Federal – Campus Viamão/RS, detalhando algumas ações e reflexões de vivências do passado que dialogam e refletem as decisões do presente.

Concluindo a reflexão sobre a experiência e o afeto no teatro e como a identidade docente se construiu a partir desses caminhos, compartilho relatos de alunos a fim de confirmar a importância da oficina na trajetória de muitos deles.

## 1. Conhecendo as possibilidades do teatro

O ano é 2015, quando um rapaz negro, de 21 para 22 anos de idade, ingressa no curso de Bacharelado em Teatro do Departamento de Arte Dramática (DAD) do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sem muitas experiências e vivências na área artística, mas com muitos desejos e expectativas, e motivado a conhecer aquele mundo novo e as possibilidades que ele poderia oferecer, ele tentava entender a qual lugar realmente pertencia.

Aos poucos, aquele novo aluno foi desbravando as arestas do Ensino Superior, criando laços, descobrindo espaços, encontrando novos lugares para ocupar. Entrar em uma sala de aula prática do DAD, deixando os sapatos do lado de fora, ocupar aquele espaço quase vazio, com no máximo duas ou três cadeiras ou bancos, e compartilhar experiências de aprendizagem com diversos artistas-estudantes, configurava uma realidade diferente de tudo que ele já havia vivido até aquele momento.

Eram essas as principais características das aulas práticas no período em que iniciei o curso, e que provavelmente muitas delas se mantêm até hoje. As aulas práticas são as que ganham minha atenção naquele primeiro contato com o curso, visto que foram elas que fortaleceram a perspectiva do movimento do corpo, aspecto que me motivou a chegar até o curso de Teatro.

O primeiro ano no curso de Bacharelado foi importantíssimo para mim em nível de experiência, pois, além de vivenciar as aulas práticas de Corpo, Voz e Atuação, participei como ator de três espetáculos que acabaram direcionando o meu fazer artístico.

O primeiro deles deu-se em 2015, a partir de um convite inesperado que recebi na fila do Restaurante Universitário do Campus Centro da UFRGS, de um rapaz alto, branco, de olhos claros, que usava uns *dreads* invejáveis, que me chamou e disse: "me procura no DAD, depois. Quero te fazer um convite". Eu havia passado por ele nos corredores do DAD, então suspeitava que ele fosse aluno de Teatro. Almocei pensando na ideia e me perguntando que convite poderia ser. Na conversa com ele após o almoço, descobri que se tratava de um convite para participar de um espetáculo que estava sendo construído como seu Estágio de Direção.

O colega era Kevin Brezolin, estudante do Curso de Direção Teatral, e o intuito da sua montagem, denominada *William Despedaçado*, era trabalhar diversos textos do

dramaturgo William Shakespeare, definindo algumas cenas em diálogo com o contexto contemporâneo, atualizando-as tanto em relação à linguagem como às temáticas.

A encenação misturava música (pois na época Kevin participava de uma banda e também trabalhava como DJ), cenas teatrais e alguns momentos dançados, que traziam um caráter festivo ao espetáculo (BREZOLIN, 2018). Particpei de um primeiro ensaio em que fizemos alguns exercícios de composição que me arrebataram de um jeito que na época não entendi o porquê, mas olhando com as lentes atuais, munido de conceitos e noções que eu não possuía no passado, entendo que a possibilidade de criação em grupo era o que me fascinava, era o que fazia meus olhos brilharem. Era um grupo relativamente grande, em torno de dez pessoas, o que fazia com que as composições tivessem uma força ainda maior.

Lançando meu olhar para essa experiência em grupo no processo de montagem do espetáculo *William Despedaçado*, salta aos olhos o quanto o diretor daquele projeto buscava unificar as pessoas envolvidas, ora pelos exercícios que ele trazia para construção das cenas, ora pelo afeto que ele depositava em cada instrução ou ação. É esse lugar de afeto e busca de unificação que toca e motiva o “Juliano de hoje” a criar e compartilhar.

**Foto 4** – *Espetáculo William Despedaçado, 2015.*



Fonte: foto do acervo do autor, créditos: Thais Andrade.

Junto àquele grupo vivi a minha primeira experiência em teatro no âmbito acadêmico. Participei de duas apresentações públicas da peça, ambas em espaços abertos: a primeira no Campus Centro da UFRGS, próximo à Faculdade de Educação (FACED); e a segunda no Largo Zumbi dos Palmares (antigo Largo da EPATUR), espaço de convivência comunitária da cidade de Porto Alegre/RS.

Analisando o grupo que ali existia e as características da sua forma de trabalho, percebo o quanto a minha ligação com a dança e a vontade de trabalhar em grupo se mostraram para mim como sendo prazerosas. Observo, também, o quanto aquelas experiências artísticas e o seu processo de trabalho me possibilitaram a convivência com colegas de diversas etapas e cursos do DAD, aumentando minha rede de contatos, o que me rendeu um novo convite, logo em seguida.

Ainda que eu não tivesse qualquer formação específica em dança, algo no meu corpo e nos meus movimentos durante a montagem de *William Despedaçado* já chamava a atenção, motivando o convite para uma segunda experiência, que me marcou fortemente.

O convite em questão partiu do colega Luiz Manoel, estudante de Interpretação Teatral, que também estava em etapa de Estágio, mas de Atuação, e cujo processo de montagem consistia em uma peça/show/espetáculo intitulado *Gaga[in]Drag* baseado na obra da cantora Lady Gaga, tida como o ícone da música pop internacional naquela época. A montagem, que se aproximava com a linguagem do bufão, envolvia a cultura *Drag* e o universo das/os travestis, abordando questões sobre orientação sexual, e o convite em questão foi para que eu integrasse o coro de bailarinos do espetáculo.

**Foto 5** – *Espetáculo Gaga[in]Drag, 2015.*



Fonte: Foto do acervo do autor.

Uma terceira e talvez mais importante atuação nesse primeiro ano do Curso de Bacharelado em Teatro foi no espetáculo a *Ópera Bela e Fiel Ariadne* (2015), dirigido pela professora Camila Bauer. Meu ingresso no elenco do espetáculo deu-se por meio de audição. Cada participante que se candidatava a participar da peça deveria escolher um fragmento da obra cantada e programar uma breve apresentação. Ensaiei vários dias com colegas que também queriam participar. Parece que foi ontem que eu entrava no Estúdio

I (sala de atividades práticas do DAD) com meu *pen drive* e apresentava meu fragmento dançado daquela Ópera. Apesar do nervosismo, fui aprovado.

Também naquele processo, algo despertou o olhar da diretora que, atenta aos meus passos, me ofereceu o primeiro trabalho profissional remunerado da minha trajetória artística. Duas ou três apresentações da Ópera lotaram o pequeno espaço do Auditorium Tasso Correa (ATC) do IA/UFRGS.

**Foto 6** – *Espectáculo A Bela e Fiel Ariadne, 2015.*



Fonte: Foto do acervo do autor, créditos: Sue Gotardo.

Mesmo que sem uma determinação de um estilo específico, a dança permeou minhas ações artísticas no DAD, pautando as minhas escolhas em participar ou não de espetáculos e inspirando ideias em exercícios e propostas nas disciplinas práticas.

Um momento de encontro de paixões se estabelece. Uma que já vinha naturalizada pelas experiências da vida – a dança. E outra que, apesar de aparecer como breves lapsos no passado, começava a se constituir naquele momento – o teatro. A união entre os aspectos do teatro e da dança faz com que eu me questione, assim como uma colega fez em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Qual meu futuro no teatro?* (MARQUES,

2022). As possibilidades eram (e são) múltiplas, mas durante um bom tempo – quase quatro anos – caminhei na direção da minha construção como ator/bailarino, pois eram esses os caminhos evidentes para mim naquele período, mas bastou uma atenção mais apurada para alguns aspectos do passado e consegui enxergar inclinações para outros lados, fluências que ainda não haviam sido exploradas e que acabarão sendo.

## 2. O Grupo Teatral Leva Eu

O *Grupo Teatral Leva Eu* germinou na cidade gaúcha de Viamão, sendo fundado no ano de 1999 por Igor da Silva Ramos e uma professora de História do Colégio Cecília Meirelles, da mesma cidade, como resultado do desejo conjunto de colegas que se reuniram e resolveram montar um grupo de teatro.

O grupo começou de forma estudantil, visando montagens de espetáculos que abordassem temas relevantes sobre a cidade, como o desemprego, o descaso para com a saúde pública, dentre outros. Os primeiros espetáculos criados inteiramente pelo grupo foram “A realidade de um desempregado” (2000) e “Corrupção Hospitalar” (2002), ambos baseados em acontecimentos reais. Depois desses trabalhos as produções teatrais do grupo acabaram entrando em um hiato. A volta do grupo à ativa deu-se com a produção de espetáculos voltados para o público juvenil, flertando com o cômico, a exemplo da montagem de “O último Adolescente Virgem” (2003), espetáculo autoral. E, depois, com a montagem da peça “O dia em que o Diabo pediu demissão” (2008), de Dinho Fraiberg e Carol Garcia.

Mais tarde, o grupo se desvincula da escola e passa a dedicar-se a outras produções, como o espetáculo “Meu Cupido, Meu Amor” (2009-2011), de Marcus Cruz montado em 2010, época em que o grupo começa a ter maior contato com os festivais de teatro do interior do Rio Grande do Sul e região metropolitana, ampliando sua visibilidade e valorizando ainda mais o trabalho. É nesse período que o grupo monta o clássico “O Mágico de Oz” (2011-2013), a peça chamada “A Princesa e a Lua” (2014), da autoria de Luciana Éboli, e “Bodas de Papelão” (2013), de Renato Mendonça.

O grupo acaba construindo uma lista extensa de participações em festivais de teatro de diferentes cidades, tanto do interior do estado do Rio Grande do Sul, como da região metropolitana, vivenciando o ambiente de trocas e aprendizagem que costuma caracterizar os festivais de teatro estudantil, ou amador, e suas produções se beneficiam das avaliações e debates promovidos nesse ambiente. Conquista, também, diversas premiações, em praticamente todas as categorias – Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Direção, Melhor Espetáculo, dentre outras –, acumulando mais de 60 prêmios (que são mantidos na sede do grupo localizada na cidade de Viamão), em diferentes festivais.



**Foto 7** – Espaço Cênico *Leva Eu*, 2023.



Fonte: Foto de Igor Ramos.

**Foto 8** – *Acervo* Espaço Cênico *Leva Eu*, 2023.



Fonte: Foto de Igor Ramos.

Considero que 2014 tenha sido um ano de grande importância para o *Leva Eu*, devido à participação de Juliana Johann, atriz, bailarina e professora (naquele momento) em formação, que passa a fazer parte do núcleo de artistas. Convidada especificamente para construir uma espetáculo bilíngue encomendado por uma escola de idiomas, Juliana cria, junto do colega Giordano Mayer, a esquete “O Chapeleiro Maluco” (2014-2015), que aborda, de forma lúdica, a importância dos estudos e da aprendizagem de uma língua estrangeira.

Foi então que, no ano de 2016, ao fazer a matrícula do terceiro semestre do Curso, me matriculei na disciplina intitulada *Análise do Movimento*, ministrada pela professora Flavia Pilla do Valle, e ofertada em caráter eletivo pelo Curso de Dança, cuja existência foi uma grata surpresa para mim, pois foi onde eu conheci a colega Juliana Johann, monitora da disciplina, que também morava na cidade de Viamão, e que me convidou para participar da montagem e apresentação de esquete teatral que seria apresentada na Feira do Livro da cidade de Viamão.

A esquete tinha por objetivo principal difundir a história dos povos que deram origem a cidade de Viamão, e minha personagem, um Lanceiro Negro, seria responsável por contar a influência dos negros no período específico, baseado em pesquisas e experimentações em sala de ensaio.

**Foto 9** – Personagem Lanceiro Negro. Espetáculo Vestindo Histórias, 2018. Intérprete: Juliano Felix.



Fonte: Foto do acervo pessoal.

O aceite ao convite me leva ao momento que eu conheço o *Grupo Teatral Leva Eu*, coletivo de artistas da cidade de Viamão – onde vivi quase a vida inteira –, do qual eu não sabia da existência, pois até então eu desconhecia toda e qualquer atividade cultural na cidade. Daquele momento em diante, a minha visão da cidade como infrutífera culturalmente se desmantela. O contato e permanência no grupo passa a ampliar as minhas possibilidades artísticas e profissionais, modificando até mesmo o sentido do teatro pra mim, possibilitando a construção de saberes oriundos de outras vias, para além da via acadêmica, e dando amparo a aprendizados orais, trocas de referências dentro da sala de ensaio que não necessariamente vinham da área do teatro, mas de alguma outra vertente artística. Nesse sentido, entendo que o meu envolvimento com o grupo alterou o caminho que eu viria a trilhar a seguir.

Para além de um lugar de criação artística, um lugar de conexão com os outros e comigo mesmo, um espaço de experimentação, de trocas, de debates e interseção de conhecimentos, o *Grupo Leva Eu* é um lugar de sobrevivência, de aprendizado, de afeto, de reconhecimento, de entendimento das políticas de acesso voltadas à arte, e muito mais.

Não tive experiência dentro de outro grupo de teatro, mas conforme a vivência tida até hoje, concordo com a caracterização de Robert Benedetti (1980) sobre o trabalho em coletivo:

Três condições são necessárias para que um grupo torne-se efetivamente alinhado. Primeiro, todos os participantes têm que estar comprometidos na relação. Segundo, cada participante deve ser capaz de apoiar os outros participantes em seus objetivos dentro do esforço do grupo. Terceiro, todas as partes devem manter entre si uma comunicação livre e aberta (BENEDETTI, 1980, p. 12).

Entretanto, não me mantenho limitado a essas condições, pois entendo que existam outros fatores, característicos do grupo, que podem ser influenciadores, tais como, a quantidade de participantes que ele agrega, o local onde ele atua, a sua forma de trabalho, dentre outros aspectos. Mas para o simples funcionamento, acredito que essas condições são basilares e sinto que o grupo as contempla.

O espaço de convivência com o grupo começa, aos poucos, a se criar. Um novo espaço, novo lugar, novas relações e novas trocas. Logo no primeiro trabalho, uma esquete que apresentaríamos na Feira do Livro de Viamão, intitulada primeiramente “Personagens Viamonenses” e posteriormente atualizada para “Vestindo Histórias”, já

era possível enxergar o caráter profissional que o grupo possuía, visto o movimento que ele realizava para a execução deste trabalho.

Fotos 10 e 11 – *Espectáculo Vestindo Histórias. Cenas: Jongo e Barco, 2018.*



Fonte: Foto do acervo pessoal.

Ao meu entender, o profissionalismo do grupo naquele momento se firmava a partir de alguns aspectos que considero importantíssimos. O primeiro é a preocupação com pesquisa teórica referenciada e qualificada, visto que o trabalho em questão envolvia narrativas da história de povos originários, negros escravizados e colonizadores açorianos. Essa preocupação nos levou a entrar em contato com um historiador que trabalhava na Secretaria de Cultura da cidade e a realizar estudos em livros históricos e referências das nossas próprias vivências sobre o tema, criando uma relação entre passado e presente. As pesquisas foram feitas em um primeiro momento individualmente, e depois compartilhadas com o coletivo. E a partir desse compartilhamento é que foi sendo construído a personagem e a narrativa de cada ator. A preocupação estética do espetáculo também me pareceu um ponto singular, pois era a primeira vez que eu fazia parte dessa construção em caráter profissional, ou seja, nos espetáculos dos quais eu participava até então, o meu olhar estético ao conjunto da obra pouco ou nada contribuía ao seu processo de criação, enquanto, naquele momento, a minha opinião, além de apreciada, passou a constituir a obra final.

É então que percebo, logo no primeiro trabalho, um outro aspecto que chamei de “relação horizontalizada”, pois, ainda que o grupo tenha estabelecido funções para os seus integrantes, sendo elas, atores e diretor, o processo de criação e montagem dos espetáculos se davam na maior parte do tempo no “entre”, no encontro entre as percepções de todos os envolvidos, seja na definição do texto ou até mesmo na criação e ordem das cenas. Essa forma de trabalho me ganha, me cativa, me motiva, pois o sentimento de valorização tanto do nosso trabalho como do nosso conhecimento é um dos melhores propulsores da continuidade e promoção da qualidade do trabalho.

Outro aspecto que considerei importante na experiência junto ao *Leva Eu* relaciona-se à questão financeira e organizacional do grupo, entendendo que a pesquisa, a disponibilidade, o tempo, a escuta e todos os demais elementos que ali caminhavam para a concretude da apresentação faziam parte do trabalho, e que esse trabalho deveria ser remunerado. E assim o foi. Nesse sentido, entrego os créditos aos dois principais integrantes do grupo, Igor Ramos e Juliana Johann, pois, ainda que no imaginário senso comum essa atitude de reconhecimento do trabalho do artista pareça orgânica e seja esperada dentro dos grupos de teatro, é sabido que a realidade nem sempre corresponde aos desejos e pensamentos. E por isso é importante reconhecer essa propriedade que o grupo possui.

É dando atenção ao desenvolvimento do *Grupo Teatral Leva Eu*, levando em conta o processo de criação e produção de 2016, em comparação ao trabalho anterior, de 2014, que identifique um movimento do grupo no sentido de aderir à forma de trabalho por encomenda, na qual o contratante lança uma ideia, ou desejo de uma temática específica, e o grupo, na posição de contratado, desenvolve uma produção cênica voltada à solicitação.

Essa forma de trabalho se mantém até os dias atuais, pois, além de constituir um modo rentável de produção, possibilita o feitiço e criação de novas produções artísticas, que podem se manter (e muitas delas se mantêm) no repertório do grupo.

Um exemplo de trabalho que nasceu de uma encomenda foi a intervenção cênica “Ju e Ju e o Tesouro dos R’s”, uma esquete que foi montada para apresentação na Feira do Livro de Viamão de 2018, e que possuía como tema a sustentabilidade. O trabalho tinha por objetivo abordar os chamados R’s da sustentabilidade – Reduzir, Reutilizar e Reciclar –, e foi produzido a partir de pesquisas e debates sobre o tema, na perspectiva de buscar a conscientização da produção e tratamento do lixo que geramos no mundo, entre outras ações sustentáveis. Voltado para o público infanto-juvenil, mas que dialoga com todas as faixas etárias, o trabalho enfoca a temática de forma divertida e brincada, narrando o encontro de duas crianças amigas que buscam um tesouro inicialmente desconhecido, e descobrem, junto ao público, maneiras sustentáveis de relacionar-se com o meio ambiente.



Fotos 12 e 13 – Ju e Ju – descobrindo o Tesouro dos R's, 2023. Picada Café.



Fonte: Fotos de Fernanda Schwaab.

O grupo possui mais de vinte anos de história, fazendo teatro e apresentando em diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul. Nessa trajetória é possível perceber o expressivo interesse pelo público infantil e infanto-juvenil, que se revela em diversas produções.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso busquei enfatizar apenas algumas das mais importantes conjunções que constituíram a minha trajetória até o momento, na intenção de estabelecer relações entre essas ações, espetáculos e intervenções, e todo o meu envolvimento com o grupo, na minha formação como artista e professor de Teatro.

Um primeiro fator que direcionou meu interesse pela docência foi, sem dúvida, o trabalho do diretor do grupo, Igor Ramos, que atua como professor de Teatro há mais de dez anos, e da sua integrante mais antiga, Juliana Johann, também com larga experiência docente.

Foi a união do cuidado afetivo do colega Igor para comigo – no sentido de possibilitar uma oportunidade de trabalho – e a sua visão de uma possível virtude em mim, que o fizeram emitir o convite que estaria prestes a encaixar peças importantes para concluirmos a compreensão deste “quebra-cabeça docente”.

### **3. Docência Inventada – construindo a sala de aula de Teatro**

No ano de 2018, um convite feito pelo então diretor do *Grupo Teatral Leva Eu*, Igor Ramos, para que eu dividisse com ele o trabalho junto a uma turma de teatro em um projeto de extensão, seria um divisor de águas na minha trajetória.

A ideia de ministrar oficinas em conjunto cumpre uma função entendida como necessária à manutenção do *Leva Eu*, visando a sobrevivência e assistência financeira tanto do grupo como dos seus integrantes. Os mais antigos buscam dar acesso a oportunidades aos iniciantes, mantendo o contato e a atividade artística de todos e proporcionando rendimento financeiro equivalente à sua atividade e reforçando uma valorização dupla, ora do artista em atividade, ora da arte, no seu mais amplo espectro.

O projeto realizou-se no Instituto Federal – Campus Viamão, e chamava-se "Teatro no Campus". E o seu objetivo era proporcionar o contato com o Teatro a estudantes do Instituto e da comunidade em geral. A combinação em relação às aulas foi feita da seguinte maneira: alguns dias ministrariamos as aulas juntos, e, em outros, alternariamos a condução das atividades, ministrando as aulas individualmente. Eu não imaginava assumir tamanha responsabilidade, aliás, a ideia de estar diante de uma turma que aguarda uma proposta pode parecer pouco, mas eu achava (e ainda acho) uma grande incumbência. Os dois ou três primeiros dias de aula foram apavorantes: o medo de dizer coisas erradas, de não suprir as expectativas dos estudantes, de propor jogos ou exercícios que não funcionassem, ou de não saber o que propor, parecia dominar aquele jovem estudante do Bacharelado em Teatro, cuja formação até ali era quase isenta de aspectos metodológicos e pedagógicos que fundamentassem um planejamento de aula.

A oficina iniciou-se por um momento de observação da turma, cujo propósito vim a compreender bem mais adiante, quando, na disciplina de Estágio Docente do Curso de Licenciatura em Teatro, me deparei com a necessidade de realização de observações e avaliações de conhecimentos preestabelecidos ou predispostos dos alunos, como requisito à proposição de atividades.

**Foto 14** – Oficina Teatro no Campus – Instituto Federal - Campus Viamão, 2018.



Fonte: Acervo pessoal.

O primeiro contato do grupo com a oficina foi guiado pelo professor Igor, que propôs jogos e atividades teatrais do seu repertório, o que me possibilitou perceber que a turma já se mostrava disponível e disposta para execução das atividades, num processo fluido e descomplicado. Um outro nível de interação também foi estabelecido quando, em conversa prévia à aula, combinamos entre nós professores, que, caso algum de nós quisesse complementar o exercício, incluindo alguma instrução na atividade que o outro estivesse conduzindo, ficasse à vontade para fazê-lo. Assim, na segunda ou terceira aula, eu já passei a incluir algumas instruções, exercitando o papel de professor-instrutor.

Na parte final da obra *Jogar, Representar*, Jean-Pierre Ryngaert (2009) caracteriza alguns modelos ou “tipos” de professores que, segundo a sua perspectiva, abrangem diferentes aspectos da docência. “Um observador mudo mas que opinião”, “Um modelo”, “Um gentil animador”, são alguns desses tipos que ele observa, dentre tantos outros, cujas posturas avaliamos de forma crítica

No desenrolar do meu processo de formação fui compreendendo certos pontos de identificação, ou mesmo de afastamento, em relação aos modelos indicados por Ryngaert e tentando equilibrá-los, na busca de uma construção mais ética e sensata.

No decorrer das aulas da oficina, meu colega foi precisando ficar cada vez mais afastado por conta de aulas que lecionava em outra instituição, em horário aproximado, o que me levou a assumir a turma praticamente sozinho. Mantivemos contato sobre o andamento das aulas, mas coube a mim a responsabilidade de dar continuidade a elas. Naquele momento, me surgiram questões sobre a construção da aula: que jogos propor? Que exercícios elaborar? Onde encontrar tais exercícios? Como encaminhar as propostas?

Na obra “Pedagogia da Autonomia”, Freire (1996) faz referência a uma docência “quase espontânea”, relacionada a um saber ingênuo, que reconheço em mim quando me vejo no passado, assumindo a curiosa postura de detentor do saber, responsável pelo êxito ou fracasso da experiência do teatro, que parece desconsiderar a importância da figura do aluno no processo de conhecimento. Na perspectiva de Freire,

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito [...] o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1996, p. 31).

Há um dito popular, que ouço com frequência da minha mãe, e que ela atribui à sua mãe, minha avó: “quem guarda tem!”; e me recordo dessa frase, pois, naquele momento, de tantos receios em relação aos meus procedimentos pedagógicos, recorri aos meus escritos pessoais referentes às aulas práticas das disciplinas de Corpo e Voz (I, II, III e IV) e Atuação (I, II, III e IV), guardados em forma de relatos anotados em um caderno comum, com folhas pautadas e capa monocromática. Um verdadeiro retorno no tempo em que eu me utilizava dos intervalos entre uma aula e outra para anotar os exercícios feitos em sala de aula, e, eventualmente, à memória de algumas sensações que eles me causaram.

Foi a partir da experiência prática registrada, reativada pela leitura das anotações sobre aulas antigas, que elaborei um esboço das possibilidades de exercícios para a turma, e assim as aulas começaram a tomar forma. É evidente que toda minha bagagem de artista fez diferença naquele momento, até por que não deixamos de ser artistas para ser professor. De acordo com a pesquisadora Márcia Strazzacappa:

Artista e professor não são profissões antagônicas – logo, uma não nega a outra; também não são sinônimas, como defendem os que acreditam que qualquer um pode ser artista, assim como qualquer um pode ser professor. Segundo essa crença, ser artista e ser professor independem de formação específica. Tais profissões, na verdade, podem ser complementares (STRAZZACAPPA, 2006, p. 7).

Nesse sentido, compreendo o ser artista articulado ao ser professor, pois os caminhos que seguimos como artista refletem indubitavelmente na nossa ação docente, como um processo importante na compreensão do nosso caminho pedagógico e na construção da nossa identidade docente, firmando cada vez mais a consciência da importância do ensino da arte em geral.

Um dos momentos mais importantes dentro da minha experiência como oficinairo de teatro com a turma do Instituto Federal em Viamão foi quando ousei propor um exercício que envolvia música, corpo e coletividade, exercício esse, que havia marcado minha própria experiência dentro do primeiro espetáculo, *William Despedaçado* (citado anteriormente), no qual atuei na universidade.

Foto 15 e 16 – Oficina Teatro no Campus. Exercício Cardume, 2018.



Fonte: Acervo pessoal.

Eu chamava o exercício de “cardume” por motivos visuais óbvios, e também porque foi assim que eu o chamei no meu caderno de anotações, desde a primeira vez que o experimentei junto a uma turma de estudantes do DAD. A proposta inicia-se com uma caminhada do grupo pela sala, na qual os participantes se mantêm muito próximos uns dos outros, seguindo o estímulo de uma música e sendo guiada por um mestre, alguém que cria um movimento a ser repetido pelos demais. Conforme as direções vão mudando, o mestre também muda, sendo substituído por outro colega, que assume a posição de mestre.

Trata-se de um exercício relativamente simples, mas que ativou alguma coisa no grupo, conectando seus participantes mais fortemente comigo, entre si e com o fazer artístico naquele espaço de convivência. Arrisco dizer que o fato do exercício envolver musicalidade e movimento – aspectos que mais me entusiasma dentro do fazer teatral – modifica tanto minha condução em relação à aula, como a recepção dos alunos perante o exercício. Como se minha paixão pela dança se transpusesse em forma de atividade e, de alguma forma, tocasse os alunos, marcando aquela experiência.

**Foto 17** – *Oficina Instituto Federal – Teatro no Campus, 2018.*



Fonte: Acervo pessoal.



Senti que esse elo entre professor-alunos tornou-se mais resistente quando eu propus a atividade “Festival do minuto”, que consistia basicamente em: cada aluno apresentar à turma uma cena, música, dança ou qualquer atividade artística que eles quisessem explorar, com a duração de um minuto. É com intuito de dar visibilidade às características pessoais e assuntos/temáticas individuais que trouxe essa atividade, pois creio que

A escola [e espaços de educação em geral] tem que ser esse lugar onde os estudantes e as estudantes encontram lugar para dar vazão ao que eles e elas gostam de fazer e se sentem reconhecidos. Tem o olhar do outro, o outro pode ser o professor, os colegas ou a escola toda. É o lugar onde a gente é visto [...] (MOLINA apud SOUZA, 2021c, p. 29).

Nesse sentido, saliento que a proposta foi feita em um momento em que os integrantes da turma já possuíam certa intimidade entre si, a ponto de a vontade de apresentar suas criações fosse mais latente do que qualquer travamento pela timidez.

Proporcionar esse espaço para que os alunos apresentem, tragam suas temáticas e seus desejos de discurso, é, para mim, um movimento de afeto, de importar-se com o que os alunos pensam e sentem, de permitir que se mostrem e demonstrem suas convicções, seus anseios, suas questões em geral, obviamente, fornecendo um espaço seguro para suas criações.

Em *Pedagogia da arte – entre-lugares da escola* (2012), Gilberto Icle considera que a pedagogia diz respeito ao modo como nos propomos a ensinar. Nessa perspectiva, retomo a memória da maneira de como decidi construir uma experiência de ensino e aprendizagem com esses alunos, possibilitando espaço para seus sentimentos e vontades. Segundo Icle,

Criar não é outra coisa senão inventar um modo de produzir concretamente ideias e sentimentos; sensações e inquietudes – ocorre que nesse processo não se inventa apenas o que se quer dizer ou expressar, mas, também, a forma por intermédio da qual isso toma lugar no mundo. Essa forma, portanto, é o que chamamos de pedagogia, pois ela implica um modo de fazer e uma maneira de dizer. O que ensinamos, quando ensinamos artes, senão esse modo de fazer particular e singular que as artes oferecem como possibilidade de criar? (ICLE, 2012, p. 12).

A construção desse espaço de criação não é nada fácil, uma vez que lidamos com diferentes realidades e sentimentos, com cristalizações de julgamentos e preconceitos

muitas vezes vindas da sala de aula ou da própria família. É apontando para essa construção que aposto no afeto como elemento primordial para o sucesso desse processo, pois dialogando com Renata Silva (2017) – atriz e professora do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade do Tocantins – UFT –, creio que “Um afeto é uma afecção que faz variar positivamente (alegria) ou negativamente (tristeza) a nossa potência de agir” (SILVA. Renata, 2017). E por isso fujo de qualquer tentativa de romantizar o termo afeto a ponto de torná-lo a resposta para todos os problemas, mas conduzo o conceito com o intuito de frisar a potência que ele possui, vindo a contribuir no trabalho e na construção das relações do professor, alumbrando a dimensão sensível do trabalho do professor.

Foi na atividade “Festival do Minuto”, quando solicitei que os alunos trouxessem suas inspirações e gostares, unindo com referências de alguns jogos teatrais e jogos dramáticos, que construímos juntos uma pequena cena que seria apresentada no Sarau de final de ano. O Sarau é um evento também de caráter extensionista que se realiza no Campus, no qual alunos, professores e comunidade em geral era convidada a participar, agregando qualquer forma de arte, seja leitura de poesia, leitura dramática, tocando algum instrumento, cantando alguma canção, e demais possibilidades.

Foi um momento bastante esperado por todos e muitos deles ficaram nervosos. Além da apresentação o Sarau marcava também nosso último encontro como turma e último dia do projeto em nosso cronograma, carregando um caráter de finalização da experiência.

Com o intuito de registrar de alguma maneira a experiência vivida, e desejo de que aquele momento fosse especial não só para mim, mas para todos eles, resolvi escrever sobre ela de maneira que contemplasse todos os alunos envolvidos, tentando iluminar pontos interessantes dos nossos encontros. E redigi um texto em formato de poesia, expressando a minha visão do processo e a relação desenvolvida com cada um deles. Programei para que esse texto fosse uma surpresa para todos, e que fosse lido no mesmo Sarau, após a apresentação da cena que eles se propuseram a fazer, e assim aconteceu.

Depois da apresentação me sentei diante de todos que ali estavam para compartilhar suas experiências artísticas, e me pus a ler

Eu poderia contar o tempo  
Mas isso não é preciso  
Eu poderia vir aqui e cantar  
Poderia só dar um aviso

Eu particularmente não sou poeta  
Mas me arrisco a escrever  
Pois inspiração como essas  
Fica difícil não ser

Essa experiência ultrapassa o agradável  
Passar esse tempo com vocês  
Me ensinou sobre relacionamentos, sobre sentimentos  
Mas principalmente sobre o sentido da palavra “imensurável”

Imensurável é ver vocês chegando sexta-feira de manhã, ainda que atrasados  
Pois percebo que na hora do exercício estão sempre prontos e dedicados

Imensurável é a força de cada um de vocês  
E ainda que não esteja aqui amanhã ou depois  
Espero poder contemplar essa força outra vez

Que imensurável seja esse desejo que vocês possuem de falar e mostrar  
E que não falta pessoas dedicadas pra que essas ações possam continuar

Imensurável é o orgulho que tenho ao olhar  
Que a semente que joguei nesse campo fértil – que são vocês  
Mal foi regada e já começa a brotar

Imensurável é o tamanho do meu coração  
Que expande em horizonte e imensidão  
Insiste em roubar um pouquinho de cada um desses cidadãos  
E guardar no peito em forma de paixão

Eu podia me abster e ficar calado  
Mas como eu disse antes  
Pensar em vocês me deixa inspirado

Não posso deixar de dizer obrigado a cada um  
Pois a alegria que levarei desse processo é incomum

É momento, é sonho, é desejo, é despedida  
Sei que pra alguns esse é o ponto de chegada...  
Mas desejo a vocês que seja o ponto de partida

(Escritos do meu caderno de planejamento das aulas da oficina de 2018).

Foi, também, no intuito de valorizar a presença e dedicação de cada um deles e eternizar, de certo modo, a experiência e as relações nela construídas, que fiz questão de confeccionar cartões com dizeres individualizados. Cada cartão trazia uma frase que exaltava características específicas de cada um dos integrantes da oficina, e, no verso, um única palavra que sintetizava suas características pontuais. Cada participante recebeu o seu cartão dentro de um envelope prateado acompanhado de um bombom.

O acontecimento como um todo, ou seja, a experiência como oficinairo/professor/instrutor de teatro, teve um grau de importância que lá no começo do processo eu não imaginava que teria, pois foi a partir dele que encontrei e senti o que

chamei de “prazer da docência”. Enxergar pessoas expressando temáticas que lhes são importantes, colocando em prática conhecimentos teatrais – mas não só – apreendidos a partir do encontro de experiências e do trabalho em grupo desencadeou em mim a sensação de “tarefa realizada”. Naquele momento acontece uma virada de chave importante na minha trajetória estudantil, que me levou a optar pela troca do Curso de Bacharelado em Interpretação Teatral pelo Curso de Licenciatura em Teatro, o que ocorreu por meio de um processo de transferência interna.

A decisão foi bem pensada, e não deixava dúvidas, mas a efetivação da troca de Curso demorou mais de um semestre. Nesse meio tempo, busquei cursar algumas disciplinas do curso de Licenciatura que eram ofertadas em caráter eletivo para os alunos do Bacharelado, como *Psicologia da Educação*, *Fundamentos do Ensino do Teatro*, e, dessa forma, adiantei créditos obrigatórios para o curso.

Começava ali, o que chamei de “trajetória docente consciente”, pois foi quando concretizei esse pensamento e desejo de direcionar minha energia para essa formação. Além do “eu” artista, bailarino, ator e diretor, passei a vislumbrar a construção do eu-professor.

## Tijolos Móveis

Redijo esta conclusão na tentativa de enlaçar os aspectos abordados no decorrer deste texto, voltando à temática que ronda a construção de uma identidade docente, especificamente a construção da identidade do professor de teatro. E a palavra construção me remete à prédio, à forma física, à edificação. Construir qualquer estrutura não é trabalho fácil, pois as suas fundações precisam estar bem firmes e estáveis. Nessa metáfora trago como fundação da minha construção docente não apenas os mestres e teóricos que me acompanharam no decorrer da minha trajetória no ensino superior e na escrita deste trabalho, mas também todos os mestres que por mim passaram presencialmente no decorrer da vida inteira, considerando todas as experiências que de alguma forma fortaleceram essa construção, sedimentaram esse caminho, tornando possível a chegada até aqui.

A visão da mobilidade desses tijolos é o entendimento de que esses saberes não são estáticos, que eles podem se reformular ou se readaptar, tomar um aspecto diferente diante de cada situação. E, diferentemente de uma construção comum, que é erguida verticalmente, e na qual os tijolos são sobrepostos, trato a construção de identidade de maneira horizontal, na qual os tijolos são dispostos um do lado do outro, de forma que todos possuam igual visibilidade e importância no edifício. Trago a visão dos tijolos móveis para explicitar que, assim como o conhecimento, nós não estamos parados e os tijolos não estão cimentados fortemente a ponto de impossibilitarem o fluxo dos conceitos, muito pelo contrário, o entendimento de que os conceitos podem se encaixar em diferentes espaços dessa edificação possibilita nossa transformação, abrindo sempre um espaço para novos sentidos.

Considerando o meu processo de reflexão e escrita, que busca entender essa construção do docente, questiono: existem tipos de professores? Que tipos são esses? Podemos ser mais de um tipo? Que tipo de professor eu sou? E assim como a reflexão anterior sobre a mobilidade dos tijolos, observo que essa tipificação do ser professor é fluida, propícia à transformação a todo o instante, pela ação do tempo, dos obstáculos e demais experiências.

As palavras de Icle inspiram a refletir sobre o papel do professor de arte no contexto escolar:

[...] é preciso pensar, também, no papel desempenhado pelo professor de arte. Com efeito, ele precisa deixar de ser pensado como alguém que apenas media a criação dos alunos, ou como alguém que transmite saberes legitimados pelo sistema das artes, tampouco pode ser considerado como um informante que diz do que se trata a arte – ele é, nesse contexto, pensado como um profissional que não se contenta em ficar nem no domínio da arte, nem no domínio da pedagogia. Falaremos, assim, de um professor-artista. Trata-se, então, de pensar a relação entre esses dois termos – professor e artista – e, de fato, mostrar a impossibilidade de estabelecimento de fronteiras fixas e bordas definidas entre essas duas dimensões (ICLE, 2012, p. 12-13).

A auto titulação professor-artista baseada nesse escrito de Icle me veste bem, pois considero que meus feitos como artista se refletem profundamente na ação docente.

Em certo momento da pesquisa, entrei em contato com alguns alunos que participaram da oficina no Instituto Federal no ano de 2018, com intuito de sondar que força ou importância aquele momento teve na vida desses participantes. Foi então que tive alguns retornos – que considerei positivos – em forma de textos trocados dentro de aplicativos de mensagens.

Sobre a oficina de teatro do IF lembro de ser uma luz no fim do túnel pra mim, algo que, fazia sentido pra mim estar fazendo e de proporcionar experiências que até hoje me recordo com carinho. Aprendi muito não só como um aluno mas, como pessoa também, soube explorar certas lugares em meu interiores que hoje fazem parte do meu cotidiano [...]

Todas as aulas foram simplesmente incríveis, porém os ensaios para a nossa apresentação foi algo mágico, tanto as cenas quanto o final em que cantamos. Lembro que não conseguíamos segurar a emoção, sempre que a Nicole cantava para encerrar esboçávamos reações, já que a voz dela arrepiava e a música que o Juliano escolheu foi perfeita para o momento. No dia da apresentação encerramos da melhor maneira, após a Nick cantar e não segurar a emoção todos nós nos abraçamos. Algo simplesmente inesquecível.

A oficina me ensinou muito sobre a resiliência, algo que levo até os dias de hoje, no palco é preciso ter muita para se adaptar a algo que surge do nada, imprevisto, aprendi sobre a auto cobrança e como podemos trabalhar em cima dela. Aprendi a dar valor aos momentos de conexão comigo mesmo, respirar, entender o que se passa em volta e conseguir expressar isso como arte (Relato por mensagem do participante Nathanael, 2023).

Ler esse relato sobre um trabalho em que eu estava envolvido há quase cinco anos atrás me toca imensamente. Perceber que a importância do evento, do encontro, da troca, é grandiosa para outras pessoas também, de formas diferentes, me faz acreditar ainda mais que estou assentando de maneira correta os tijolos da minha formação docente. Ultrapassar o ambiente da sala onde a oficina aconteceu e chegar em questões da vida desses participantes é um alvoroço que me faz bem, que busco envolver dentro do ato

docente. Pois entender que esses participantes não são vazios nem são rasos, entender que eles possuem tantas perguntas e desejos a ponto de quase transbordarem diante da gente é um papel fundamental do professor.

Outro depoimento que me tocou foi do Artur Quadros

Lembro das dinâmicas, exercícios para interagir em grupo, e os jogos como aquele de fazermos molduras com nossos corpos, detetive e vários outros. A oficina como um todo foi uma experiência incrível, todo processo para que no final de modo independente nós conseguimos trabalhar em grupo e gerar uma apresentação foi algo que gostei muito. Levo todo o carinho do pessoal e seu, principalmente o sorriso no último dia, ver que tu ama o que faz e que cada um de nós é um meio de transformação na vida do outro é sensacional. Acredito que tudo é bagagem, [levo] da oficina, principalmente, a melhoria em se comunicar com o corpo e o melhor entendimento de formas de expressão (Relato por mensagem do participante Artur Quadros, 2023).

Esses relatos me fazem acreditar veementemente que não existe a possibilidade de ser professor sem afeto. Através deles pude observar que o afeto por parte dos participantes se direciona à experiência relatada, mas é também um retorno do afeto que direcionei a eles naquela ocasião.

A oficina de teatro realizada em 2018, ministrada pelo professor Juliano foi incrível. Foram realizadas muitas dinâmicas e atividades me incentivavam a sair da zona de conforto, como a atividade proposta pelo professor de apresentar uma dança, cena, texto ou qualquer manifestação de arte. Literalmente não tinha o hábito de ser o centro das atenções, de ter o palco apenas para mim. Foi desafiador sair da caixa e apresentar algo solo, cada indivíduo tinha algo artístico para amostrar, mas nunca tive a confiança em mim mesmo, nunca tive algum talento para ser lapidado.

Mas o Professor Juliano com seu talento incrível, me fez sentir a confiança necessária para me sentir liberto e apresentar o que me sentia confortável, sem julgamentos. Decidir interpretar uma música usando tintas, e essa apresentação foi essencial para a quebra da minha timidez.

No final da oficina, foi proposta uma apresentação teatral em grupo para o sarau cultural do Campus Viamão, onde fomos incentivados a criar a peça. Com o êxito da performance, tive a certeza que amo atuar e o teatro, mesmo que não seja a área profissional que eu queira seguir, é um grande hobby que amo. Muito se deve aos colegas que estiveram ao meu lado durante a oficina e ao professor Juliano, que sempre extraiu o melhor e deu a atenção necessária para cada um individualmente, assim nos transformando (Relato do participante Artur Soares, 2023).

Neste momento de finalização do Curso de Licenciatura em Teatro consigo enxergar mais nitidamente a importância da pesquisa como constitutiva dessa formação. Pois foram os movimentos de pesquisa de si mesmo (pesquisa sobre mim mesmo),

aliados à pesquisa de conceitos teóricos que auxiliam nesse entendimento, ampliando e estruturando o trabalho.

Na tentativa de resumir e concluir o pensamento sobre as experiências e relatos exibidos, trago um fragmento do pensamento de Vera Lúcia Bertoni dos Santos no livro *Pedagogia da arte – entre-lugares da escola* (2012).

Na perspectiva que se pretende enfatizar neste trabalho, o estreitamento das relações entre as transformações engendradas no teatro contemporâneo e a prática do teatro no âmbito escolar concorre não apenas para a multiplicação e difusão das formas teatrais, tão requisitadas numa cultura globalizada e intercultural como a que vivemos na atualidade, mas, sobretudo, para a conscientização do “ser” e do “estar” no mundo por parte dos seus agentes sociais, sejam crianças, adolescentes ou profissionais, e espectadores, em busca de aprimoramento profissional, comunicação e compreensão de formas expressivas que propiciem encontro e reflexão sobre a experiência humana (SANTOS, 2012, p. 203).

Antes de qualquer palavra ser escrita sobre este trabalho eu queria que ele fosse dividido em passos de dança, de forma que a dança permeasse todo o trabalho, como se cada capítulo fosse um passo que levasse até o outro, e assim por diante. O fato é que isso não aconteceu, visto que os meus passos me levaram a outro lugar, porém a dança permeia todo esse movimento de constituição, pois ela está no meu corpo, na minha mente e faz parte do meu desejo, logo, é inseparável de mim.

Hoje sou um professor de teatro que dança, e, em razão disso fazer parte da minha vida, fará parte da minha aula, dos meus encontros, dos meus desejos. Buscando sempre a melhor forma de mostrar para o próximo – sejam alunos, colegas e demais pessoas que passarem por mim – que ele é agente primordial de sua forma de “ser” e “estar” no mundo, envolvendo nessa ação muita atenção, afeto, dedicação e respeito.



## Referências

BENEDETTI, Robert L. Diretor Versus Equipe. *In.*: **Cadernos de Teatro**, nº 84. São Paulo. Publicação d'O Tablado, 1980.

BONATTO, Monica Torres. **Juntoudeunisso**: percursos entre arte contemporânea processos de criação cênica na escola. – Dissertação (Mestrado) – UFRGS/PPGAC, 2009.

BREZOLIN, Kevin. **Shakespeare, Teatro e Remix**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de Teatro: Direção Teatral, Porto Alegre, BR-RS, 68f, 2018.

FARIAS, S. C. B. Condições de trabalho com Teatro na Rede Pública de Ensino: sair de baixo ou entrar no jogo. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 10, p. 019-024, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessário à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

IBGE. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais**, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/viamao.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

ICLE, Gilberto. Pedagogia da arte – entre-lugares da escola. *In.*: **O que é pedagogia da arte?** ICLE, Gilberto. (Org.) Vol. 2, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2012.

MARQUES, Mayara Teixeira Furtado. **Qual o meu futuro no Teatro?** Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral, Porto Alegre, RS/BR, 74f, 2022.

OJIMA, Ricardo et al. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil. **Caderno MetrÓpole**, São Paulo, v. 12, n. 24, pp. 395-415, jul/dez 2010.

OLIVEIRA, Marlene de. Universidad de Jaén – Paraguay. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, vol. 5, núm. 2, pp. 64-73, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5746/574660910006/html/>.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, Representar** – práticas dramáticas e formação. Trad. Cássia Raquel da Silveira, 280pp. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Pedagogia da arte – entre-lugares da escola. *In.*: **Teatro como experiência estética e produção de sentido**. ICLE, Gilberto (Org.), Vol. 2, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2012.

SILVA, Renata Ferreira da. **Por uma razão alegre**: corpo, docência e produção de si. Políticas do ressentimento, do medo e da raiva: reverberações na educação. 7ª SBECE – UFT. Ulbra Canoas, 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência**. Campinas. Ed. Papirus, 2006.